



Rádio Insurgente: a construção da esfera pública alternativa na Internet¹

Ismar Capistrano Costa Filho²

Faculdade 7 de Setembro (Fa7), Fortaleza, Ceará.

RESUMO

A Rádio Insurgente é um conjunto de emissoras comunitárias mantidas pelo Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) em Chiapas, no México. Programas, disponibilizadas em seu site, refletem as características de autogestão e visibilidade midiática, cultivadas por esse movimento. O uso social do rádio e da internet pelos zapatistas revela que é possível construir uma esfera pública alternativa baseada participação social.

PALAVRAS-CHAVE: rádio; internet; participação social; visibilidade; movimentos sociais.

1 Introdução

A voz dos sem voz. Esse slogan revela a pretensão do Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZNL) de manter três emissoras comunitárias, transmitindo em Frequência Modulada (FM), e uma, em Ondas Curtas (OC), da Rádio Insurgente no sudoeste mexicano, Florestas de Lacandón, Estado de Chiapas. A iniciativa também publica suas produções na Internet, através do site <<http://www.radioinsurgente.org>>. Conforme essa página da web, as rádios FM, localizadas em Los Altos (montanhas ao norte de San Cristóbal de las Casas), em Selva Tzeltal e em Selva da Fronteira (próximo à Guatemala) visam apresentar “os avanços do processo de construção da autonomia nas zonas zapatistas e promover a difusão da palavra e a música das comunidades indígenas” (<<http://www.radioinsurgente.org>>, *tradução nossa*). Já transmissão semanal em OC tem como objetivo de informar

(...) os eventos atuais em Chiapas, os avanços na construção da autonomia zapatista que se realiza através das Juntas de Bom Governo e dos MAREZ. Informa também sobre a história do Exército Zapatista de Libertação Nacional, os direitos das mulheres indígenas e muitos outros temas. Ademais, entretém com música variada e contos provenientes de Chiapas. (<<http://www.radioinsurgente.org>>, *tradução nossa*)

Enquanto as primeiras são direcionadas para as comunidades dos territórios autônomos controlados pelo EZLN, o programa em OC é voltado “aos povos do México e das

¹ Trabalho apresentado no GP Rádio e Mídia Sonora do X Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Professor da Faculdade 7 de Setembro (Fa7), mestre em Comunicação pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) e bacharel em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela Universidade Federal do Ceará (UFC), email: ismarcapistrano@yahoo.com.br.



Américas, porém também à sociedade civil da Europa, África, Ásia e Oceania” (<<http://www.radioinsurgente.org>>, *tradução nossa*).

A investigação sobre o site da Rádio Insurgente utiliza das metodologias de pesquisa bibliográfica e análise de conteúdo dos áudios disponibilizados. Os conceitos de participação social, visibilidade midiática e esfera pública servem de categorias de análise. Primeiro, serão definidos esses conceitos para, em seguida, articulá-los com a história do EZNL e suas intervenções midiáticas. A terceira etapa estuda as produções zapatistas na internet para, por fim, analisar as publicações da Rádio Insurgente na web.

2 Autogestão e visibilidade na Esfera Pública Alternativa Zapatista

A Rádio Insurgente guarda duas marcantes características do movimento zapatista: a autogestão e a visibilidade midiática. A primeira se consolida com a participação de todos os membros aptos de um grupo nas deliberações sobre seus rumos sociais. São as decisões compartilhadas coletivamente, podendo gerar sentimento de responsabilidade mútua e identidade. Por sua vez, a visibilidade configura-se como o

(...) conjunto de emissões das diversas modalidades de mídias, através de uma produção diversificada e descentralizada com uma complexidade de conteúdos (culturais, artísticos, de entretenimento, jornalismo e publicitários), formando um ambiente informativo denso e de variadas discussões. (GOMES; MAIA, 2008, pg. 223).

É a imagem pública criada pelos meios de comunicação sobre atores, ideias e valores. Através dessas duas características, segundo Rousiley Maia, pode-se construir a Esfera Pública, compreendida como o

(...) lócus da argumentação, espaços nos quais as pessoas discutem questões de interesse comum, apresentam suas inquietações e formam opiniões. É uma arena conversional que pode dar publicidade e levar à participação social nas deliberações (GOMES; MAIA, 2008, pg. 242).

Para autora, a rede mundial de computadores possibilita a visibilidade de diversos atores, diferente dos conglomerados midiáticos, caracterizados pela centralidade, monopólio da fala, verticalidade e autoritarismo, refletidos no conteúdo e em suas relações políticas.

Ao contrário, a Internet caracteriza-se como “um meio pelo qual a política pode tornar-se realmente participativa (...) é o primeiro veículo que oferece aos indivíduos e coletivos independentes de todo o mundo a chance de comunicar-se com suas próprias



vozes com uma audiência internacional” (DOWNING, 2001, pg. 270). Desenvolvendo, nesse ambiente, valores de autogestão e visibilidade, o EZNL constrói uma esfera pública alternativa formada pela “(...) ação comunicativa de movimentos engendrados pelo povo, no sentido aqui da ‘sociedade civil democrática, autônoma, que se expressa na organização independente do Estado e de suas estruturas corporativas formais” (DOWING, 2001, pg. 269).

Essa esfera pública é denominada de alternativa porque é desenvolvida por movimentos sociais contra-hegemônicos que se opõe ao poder dominante propondo outro modelo político, cultural, social e econômico. Nesta perspectiva, as práticas de vários movimentos subalternos como associações de bairro e grupos étnicos, juvenis, feministas, ecológicos, consumidores, entre outros se agrupam em torno de “(...) reivindicações pelo acesso a bens de consumo coletivo, com breves inflexões ao nível mais amplo (...)” (PERUZZO, 2004, p. 46). São denominados movimentos coletivos, movimentos populares ou movimentos sociais. Estes mantêm uma relação, por vezes, ambígua com as classes dominantes, entretanto o protagonismo popular o diferencia.

Defendo a utilização do conceito de cultura popular para as manifestações que surgem protagonizadas pelos atores das classes subalternas, mesmo que estas apresentem características e elementos da sociedade de massa, seja em termos nacionais e internacionais. Não estou concebendo essas manifestações como meras repetições do massivo, mas como expressões que surgem em interação com elementos desse mercado. (OLIVEIRA, 2007, p. 80)

Canclini define os movimentos sociais como “(...) uma cultura popular que constitui uma esfera pública plebéia, informal, organizada por meio de comunicação oral e visual mais do que escrita.” (CANCLINI, 2006, p. 38). Essas organizações populares têm uma baixa eficiência quando atuam só com a cultura política tradicional. Todavia, seu poder cresce quando atuam nos meios massivos de comunicação.

3 Construção histórica

O desenvolvimento dos valores de participação social e visibilidade no movimento zapatista são, no entanto, resultados de uma construção histórica. Na véspera do ano novo de 1994 e da entrada do México no Acordo de Livre Comércio da América do Norte (Nafta), um exército de indígenas tomou o controle de quatro municípios nas Florestas de Lacandón, estado de Chiapas. Esse movimento denominou-se de EZNL em homenagem a Emiliano Zapata, que liderou a Revolução Mexicana



contra o regime autocrático de Porfirio Díaz em 1910. Os zapatistas reivindicam trabalho, terra, moradia, alimentação, saúde, educação, independência, liberdade, democracia, justiça e paz.

A origem do movimento remonta à década de 50 quando milhares indígenas de descendência Maia, em sua maioria, expulsos de suas terras por latifundiários, com apoio estatal, migraram para Chiapas, um dos Estados mais pobres do México, em busca de um local para sobreviver do cultivo agrícola. Através de Comunidades Eclesiais de Base (Ceb), movimento religioso da Igreja Católica, fundamentado na participação coletiva e no engajamento político por justiça social, esses indígenas começam a organizar-se na década de 70, estimulados pelo bispo Dom Samuel Ruiz da diocese de San Cristóbal de las Casas, principal cidade da região. Em 1980, “o então presidente mexicano Luiz Echeverría decretou que mais de 20 mil desses camponeses deveriam se retirar dos cerca de 600 mil hectares da Selva Lacandón para dar lugar a um grupo de apenas 67 indígenas lacandones, uma etnia em extinção” (PIMENTA, 2008, pg. 3). A ameaça levou a organização das Ceb a transformar-se em grupos políticos, como Forças de Libertação Nacional (FLN), que criou seu braço armado, o EZLN, em novembro de 1983. Mesmo com o movimento paramilitar “a busca da autogestão das comunidades e a recusa em centralizar o poder se tornaram as marcas” (PIMENTA, 2008, pg. 4).

3.1 Guerrilha e comunicação

Depois de uma década de organização, os zapatistas decidiram radicalizar tomando o controle de Prefeituras Municipais e delegacias policiais das cidades onde vivam as comunidades indígenas das Florestas de Lacandón. Junto à ação, tornaram público sua 1ª Declaração que defende o inalienável direito de um povo de alterar ou modificar sua forma de governo. O risco da luta zapatista ser exterminada por uma ação militar do governo conservador mexicano, controlado desde 1929 pelo Partido Revolucionário Institucional (PRI), era o mesmo dessa declaração ser silenciada pela mídia nacional que tinha a frente a Rede Televisa, com 90% da audiência. O único veículo que divulgou a Declaração foi a rádio ocupada em San Cristóbal de las casas. Essa atitude já demonstra a preocupação dos zapatistas de dar visibilidade a suas ações.



A saída para ampliar a repercussão foi encontrada nos caminhos alternativos da ascendente rede mundial de computadores. Ativistas de esquerda fizeram uma verdadeira corrente global divulgando não só a declaração, mas também a situação e os riscos dos zapatistas entrincheirados pelo exército mexicano e sob uma suposta ameaça de bombardeio aéreo.

De todos os continentes eram enviadas mensagens de repúdio e pedidos para que o governo mexicano aceitasse um cessar-fogo. (...) Depois de quase duas semanas de confronto os números de fax e o e-mail da Presidência da República do México tinham recebido uma avalanche de mensagens pedindo a abertura de negociações (PIMENTA, 2008, pg. 5).

Até o bloqueio da mídia mexicana, foi rompido quando o conflito ganhou destaque em redes internacionais, como a CNN. A repercussão pressionou até a Televisa a cobrir o levante zapatista, mesmo que contando predominantemente a versão oficial.

A estratégia de visibilidade midiática incluiu também a adesão de artistas famosos, como o cineasta Oliver Stone e o escritor Eduardo Galeano e de instituições renomadas, como Vaticano e Organização das Nações Unidas (Onu). Todos clamaram às autoridades mexicanas evitar o uso da força. Essa mobilização mundial culminou numa passeata nas ruas da cidade do México com cerca de 150 mil pessoas pedindo o fim das hostilidades às comunidades indígenas. Diante da pressão política, o governo mexicano não encontrou uma alternativa, a não ser o cessar fogo unilateral. O acordo de San Andrés que pôs fim ao conflito reconheceu os direitos dos povos indígenas do México, dando autonomia aos zapatistas na região da Floresta de Lacandón.

Essa visibilidade midiática que trouxe a conquista de autonomia, através da divulgação da situação da causa zapatista e de suas declarações é outro lado de um processo coletivo de construção da imagem pública do EZLN.

Para que fosse possível esse processo comunitário de tomar decisões, era preciso viajar de aldeia em aldeia, traduzir cada proposta a ser discutida para vários idiomas indígenas, depois voltar ao comitê central e debater os resultados em espanhol – processo de podia levar semanas ou mesmo meses para se concluir. Dessa forma, os zapatistas funcionavam com um microcosmo da comunicação global que haviam inspirado (DOWNING, 2001, pg. 296)

Os caminhos dessa comunicação eram trilhados por mensageiros do EZLN que

(...) cruzam montanhas, florestas e vales com comunicados escritos (...). Profundos conhecedores da região, os guerrilheiros sabem ‘driblar’ os postos de controle do exército e as patrulhas, caminhando pelos meandros da selva, como faziam seus antepassados, à noite, protegidos pela neblina. Ao chegarem em San Cristóbal, os



comunicados zapatistas são distribuídos para os correspondentes dos principais jornais mexicanos, estrangeiros e agências de notícias. (BISCO JUNIOR; LINO, 2009, pg. 5).

Assim a construção dessa esfera pública plebéia pelos zapatistas, mesmo que ganhasse repercussão mundial na internet, tem suas raízes na participação coletiva e na autogestão do movimento, antes mesmo do uso de qualquer mídia. “Não é a internet que cria a militância política, mas a militância política que pode transformar a rede num espaço de atuação” (WOLTON, 2003, pg. 79).

4 Zapatistas na internet

A internet, assim como o movimento zapatista, é uma rede mundial de computadores construída principalmente pelos valores do compartilhamento de conhecimento, da produção colaborativa e da participação social. De acordo com Manuel Castells, as principais contribuições vieram das culturas das tecnolites e dos hackers. Os primeiros são pesquisadores que baseiam suas relações no reconhecimento de uma contribuição para o acúmulo de conhecimento. Esse mérito é concedido a partir do exame dos pares. Para isso, essa produção deve estar aberta não só para a análise, mas também para a crítica e para novas produções. Essa cultura inspirou a fonte aberta no desenvolvimento da internet. Os peritos de informática, conhecidos como hackers, também se utilizaram desse capital cultural para reconhecer a qualidade e o prestígio de suas invenções. “Através do movimento de programadores que criam e distribuem *software* com fonte aberta para modificações e aprimoramento e compartilhamento de conhecimentos, construiu-se uma interface de navegabilidade e laços de solidariedade na Internet” (COSTA FILHO, 2008, pg. 47).

A característica da comunicação em rede aberta, com protocolos de transferência para outras diferentes redes, guarda o princípio de descentralização. Qualquer ponto conectado pode, em tese, transformar-se num provedor de acesso de outros pontos, destruindo a possibilidade de controle prévio. Da mesma forma, qualquer internauta pode não só acessar a um banco de dados planetário, nunca antes construído na história, como pode publicar seu conteúdo com uma praticidade, economia, rapidez e abrangência inéditas. Mas antes de exaltar a “comunicação de todos para todos” (LÈVY, 1999, pg. 43), é necessário pensar os desafios dessa participação social na internet que enfrenta o entrave da exclusão digital.



Segundo Rousiley Maia, o custo da tecnologia e o elevado índice de analfabetismo resultam em quatro tipos de usuários. Os plugados têm pleno acesso aos recursos. Os usuários periféricos utilizam a rede mundial de maneira esporádica, sobretudo, para propósitos comerciais e de entretenimento, pouco aproveitando de suas amplas possibilidades. Há também os internautas de acesso periférico que dependem de computadores e conexões públicas para navegar. E, por fim, os desplugados que “nunca usaram o computador, não dispõem da educação para fazê-lo e encontram-se irremediavelmente excluídos” (GOMES; MAIA 2008, pg. 247). A autora defende que “não adianta fornecer acesso comunitário, se os usuários não possuírem recursos educativos, técnicos e cognitivos para fazer pleno uso da internet” (GOMES; MAIA, 2008, pg. 249). A exclusão digital não se resume a conexão à rede, mas também a competência cultural para produzir, publicar e navegar na internet.

Somente com essas qualidades de usuários é possível construir uma esfera pública alternativa na internet. Wilson Gomes elenca que, além dessa desigualdade de acesso, a rede mundial de computadores possui como desafios: informações pouco confiáveis; baixo interesse político dos usuários; zona de influência dos conglomerados midiáticos; sistema político fechado à participação pela web; o controle panótico através da intrusão, vigilância e espionagem e a falta de regulamentação que “pode favorecer a grupos conservadores, como ultradireita, racistas e xenófobos” (GOMES, 2009, pg. 286). O autor defende que o anonimato mesmo incentivando a participação social nas discussões públicas, resguardando as pessoas de possíveis represálias, pode também levar à publicação de mentiras irresponsáveis e ao declínio da cultura do debate racional.

Essas tentativas de restringir a plena participação na internet, para Jonh Downing, são chamadas de novo *enclosure* em referência ao cercamento das terras no período pré-industrial. O autor, ao contrário de Gomes, considera que a legislação na internet prejudica o livre fluxo de informações e rechaça a ideia de que as informações da rede mundial de computadores sejam as únicas desqualificadas. “A mídia oficial também representa pontos de vista particulares e com frequência divulga informações que estão longe de construir a verdade total” (DOWNING, 2001, 232). A atuação de movimentos sociais na rede, como os zapatistas e o Institute for Global Communication



(IGC), dão condições de superar essas barreiras. Para isso, é necessário conseguir financiamentos que possibilitem essa atuação.

Mesmo superando as dificuldades de acessos, muitos latino-americanos mantêm com a internet uma relação, denominada por Martín-Barbero, de mal estar cultural. Segundo o filósofo espanhol, o uso social do audiovisual e da comunicação em rede nessa cultura sem a vivência anterior da tradição escrita traz precariedades e cria novas possibilidades.

(...) o texto eletrônico não se esgota no computador, ele se estende hoje a uma multiplicidade de suportes, imagens e escritas que, da televisão ao videoclipe e da multimídia aos *videogames*, encontram em nossos países uma complexa e crescente cumplicidade entre oralidade e visualidade (...). (MARTÍN-BARBERO, 2004, pg. 349).

Essa dificuldade de produção é observada pelo pesquisador Paolielo Pimenta. Segundo ele, os sites, produzidos pelo EZLN, “são marcados pela desorganização” (PIMENTA, 2009, pg. 12) e pela desatualização. O enlace zapatista (<<http://www.enlacezapatista.ezln.org.mx>>), a página oficial do EZLN (<<http://www.ezln.org.mx>>), a revista Rebeldia (<<http://www.revistarebeldia.org>>) e Rádio Insurgente (<<http://www.radioinsurgente.org>>) são as publicações na web elaboradas pelos próprios zapatistas, sendo muitos deles usuários periféricos ou desplugados, por isso dependem da colaboração de ciberativistas, simpatizantes de sua causa. O Enlace Zapatista põe em prática o ideal da Sexta Declaração da Floresta de Lacondón, publicando não somente a ação do EZLN no México, mas também da esquerda não partidária. Juntamente com a revista Rebeldia são os únicos sites ainda atualizados constantemente.

Se por um lado, o Enlace possui informações frequentes devido a Sexta, por outro, essa mesma declaração que se contrapôs ao engajamento partidário e à participação eleitoral causou, segundo Pimenta, desânimo nos militantes que ficaram frustrados, principalmente, com a derrota do candidato de esquerda à presidência do México, Manuel Lopez Obrador, em 2006, por uma diferença de 0,56% dos votos válidos. “(...) boa parte da esquerda mexicana que simpatizava com o movimento ficou ressentida com o fato do EZLN ter ficado indiferente às eleições e não ter apoiado o candidato do PRD, López Obrado” (PIMENTA, 2008, pg. 11). A queda no apoio e as



dificuldades de inclusão digital se refletem na precariedade das publicações dos zapatistas na web.

4 Rádio Insurgente

O site da Rádio Insurgente reflete essa situação. Desatualizado desde abril de 2009, a página funciona somente como uma rádio off-line, pois não veicula em tempo real nenhuma das transmissões, como esclarece a Ajuda Técnica (<<http://www.radioinsurgente.org/index.php?name=ayuda-tecnica>>). Possui somente fotos, comunicados escritos e podcasts, arquivos de áudio para a escuta ou download. São quatro tipos disponíveis: os programas em FM; os discursos; os programas especiais e os programas em OC. A página dos primeiros disponibiliza vinhetas das rádios comunitárias, contos em espanhol, mensagens políticas e uma mostra de transmissão ao vivo. Os discursos estão publicados em duas páginas, uma somente com pronunciamentos de atividades relativas à Sexta Declaração e outra com as demais falas de comandantes. As canções do movimento e de origem indígenas compõem os especiais. Já os programas em OC são os mesmos veiculados semanalmente aos sábados, às 15 horas (hora do México) na sintonia 6.0 MHz na banda de 49 metros.

Ao contrário das dificuldades na internet, as produções radiofônicas zapatistas caracterizam-se pela qualidade da captação de áudio, a clareza textual e o ordenamento linear da edição. Todo o material radiofônico é apresentado, produzido e editado por membros do movimento. Os áudios captados externamente têm a mesma qualidade dos sons de estúdio, não possuindo ruídos concorrentes nem problemas de reverberação. Traz uma plástica baseada principalmente na diversidade de vozes, como crianças, jovens, mulheres e homens, e músicas dos próprios indígenas. Não há locutores padronizados. São as pessoas da própria comunidade quem apresenta os programas e gravam as vinhetas de abertura e passagem. A fala compassada caracteriza a performance dos locutores e demais participantes da programação.

Os programas em OC, apresentados em espanhol, têm uma duração variável entre 53 minutos e 1 hora e 3 minutos, sem intervalos. Possuem geralmente enquetes, músicas de artistas locais, reportagens e entrevistas dando conhecimento da luta zapatista para os mexicanos e para a comunidade internacional. Mesmo sendo prioritariamente jornalísticas, as produções trazem, pelo menos, uma música por



programa que não necessariamente trata da militância política, podendo abordar, por exemplo, sobre a relação dos indígenas com a natureza ou sobre relações amorosas, como na canção “Como el viento” veiculada no dia 8 de agosto de 2009. Diferentemente os programas especiais, são, na verdade, somente canções “revolucionárias” sobre a luta zapatista. Os encontros realizados, as dificuldades e conquistas das comunidades indígenas, chamadas de caracoles, e a importância da comunicação comunitária são as principais temáticas abordadas por essas produções.

Os discursos trazem curtos pronunciamentos sem cortes em espanhol de 1 a 8 minutos de lideranças zapatistas em mobilizações públicas. O começo da falas intercalado a aplausos dão início aos áudios que prosseguem até a conclusão com aplausos. Não há intervenções de outros interlocutores. As lideranças tratam principalmente da memória do movimento, conjuntura mexicana e zapatista e orientações para os militantes. Já os discursos publicados na página La Sexta são principalmente voltados para a esquerda internacional.

As mostras das produções em FM são divididas em vinhetas, contos, mensagens e transmissão ao vivo. As vinhetas, disponíveis no site, geralmente trazem trechos do hino zapatista com a apresentação da emissora pelos próprios ouvintes. Há uma vinheta na língua tzotzil que possui uma sonoplastia diferenciada, pois o locutor não fala com o ouvinte, mas com outro interlocutor explicando o conteúdo da emissora em seu idioma nativo. Os efeitos e as trilhas também se diferenciam, pois possui uivo de lobos e música indígena com a percussão mais acentuada do que nos sopros. Há ainda uma vinheta com a voz do Subcomandante Marcos que identifica a emissora da seguinte forma: “Esta é a Rádio Insurgente, voz do Exército Zapatista de Libertação Nacional, transmitindo desde o sudoeste mexicano” (<<http://www.radioinsurgente.org>>, *tradução nossa*). A presença do hino e do subcomandante Marcos, mesclada com conteúdo local, promovem uma identidade, ao mesmo tempo, com a regionalidade das comunidades e com a ideologia zapatista.

Os contos, também disponíveis na página Programa em FM, possuem uma narração direta, em espanhol, intercalada com o pano de fundo da voz de personagens, efeitos e trilhas. Tratam de temáticas diversas, como relações amorosas ou com a natureza, mas predominam enredos com uma motivação para o engajamento político.



As mensagens são eventos informativos ou radiodramas de 1 a 6 minutos, trazendo conteúdos geralmente educativos sobre relações de gênero, luta armada, juventude, meio ambiente e saúde. A única transmissão ao vivo disponível no site não demonstra a mesma clareza de locução que possuem os discursos ou Programas em OC. A apresentadora se expressa com um sotaque acentuado e intercala o espanhol com idiomas indígenas. Suas mensagens fazem referências principalmente às comunidades e aos ouvintes.

A riqueza das produções radiofônicas, contrastando com as dificuldades das demais publicações para a web, demonstram como há uma maior competência dos zapatistas para a oralidade. Essa linguagem se caracteriza pela articulação dos sons, possibilitando a formação de significantes. No entanto, há um condicionamento temporal, pois a fala se perde no tempo, dificultando o armazenamento de conteúdo. “Seu acesso é geralmente livre, bastando poder escutar e falar” (COSTA FILHO, 1994, pg. 32). A oralidade é um capital cultural fundamental para uma comunidade que cria e cultiva muitos de seus laços de pertencimento através dessa. A fala é assim um elemento de reconhecimento e relacionamento social básico.

O rádio produz uma oralidade midiaticizada que, conforme Júlia Silva, é o resgate da oralidade pelas tecnologias da comunicação. Nessa situação, “não há necessidade de contato presencial para o exercício da fala” (SILVA, 1999, pg. 78). A oralidade radiofônica pode criar imagens acústicas que possibilitam o envolvimento entre emissor e receptor mesmo na ausência do contato físico. Na Rádio Insurgente, observa-se essa construção no uso de descrições nas reportagens dos Programas em OC, na dramatização das mensagens e efeitos sonoros nos contos. As trilhas utilizadas como fundos musicais também colaboram para a composição desse cenário de imagens acústicas. Na mostra de transmissão ao vivo de FM, nota-se também a utilização do diálogo mental, uma conversa imaginária entre apresentador e ouvinte, estimulando a participação do ouvinte.

Não só o envolvimento na escuta torna as produções radiofônicas mais propícias à participação social. É, sobretudo, a exigência de competência cultural centrada na fala, que a faz mais inclusiva. A narrativa, a descrição e a conversa são habilidades frequentes nos participantes de uma comunidade linguística. Por isso, há um constante



envolvimento das caracoles, não só através de cartas, visitas e ligações telefônicas, mas no processo produtivo das mensagens. Conforme o Programa em OC de 9 de agosto de 2009, oficinas são constantemente realizadas onde os participantes não só aprendem as técnicas radiofônicas da oralidade midiaticizada, mas também produzem conteúdo que podem ser aproveitados nas transmissões.

A participação nas produções é ampliada com gestão democrática das emissoras comunitárias.

Em 16 de dezembro de 2005, o Exército Zapatista de Libertação Nacional iniciou o traslado paulatino das emissoras de FM aos municípios autônomos rebeldes zapatistas (Marez), como parte de um processo de separação entre as estruturas militares e as estruturas civis zapatistas. Para isso, os povos na resistência estão capacitando a suas próprias equipes de produção e locução, integradas por bases zapatistas, para tomar de conta das emissoras de FM que agora funcionarão como rádios comunitárias. A meta é cobrir as cinco zonas zapatistas de Chiapas com rádios comunitárias que produzam seus próprios programas conforme as necessidades e línguas de cada zona. Por sua parte, a equipe de produção e locução da Rádio Insurgente seguirá a cargo das emissões em Onda Curta, da administração desta página na web e das produções de CDs. (<<http://www.radioinsurgente.org/quiensomos>>, tradução nossa).

A apropriação pela comunidade da gestão das rádios é uma modalidade de participação mais profunda, conforme Cecília Peruzzo, que vai além das mensagens e produção. Gera uma identidade, fundada no espírito de co-responsabilidade na manutenção das mesmas.

A visibilidade do EZLN é construída no site da Rádio Insurgente é, desta maneira, a partir da participação nas deliberações socialmente compartilhadas, como marca essencial dos zapatistas. Assim o processo colaborativo de desenvolvimento de uma esfera pública alternativa resguarda o principal valor democrático a participação social. O movimento procura demonstrar que não adianta exigir aquilo que não se põe em prática. Para lutar pela justiça social, é preciso ser justo.

Essa esfera pública alternativa baseada na visibilidade e na participação social põe em prática, a nível local, o ideal da Segunda Declaração da Realidade. Os zapatistas propõem a formação de uma rede intercontinental de comunicação alternativa.

Será o meio, através do qual, diferentes resistências poderão apoiar-se mutuamente. Além disso, a rede intercontinental de resistência não é uma estrutura organizacional; não tem um centro diretor nem decisório; não tem comando central nem hierarquias. Rede somos todos nós, os que resistem. (DOWNING, 2001, pg. 235)



Apesar de todas as dificuldades do movimento que, segundo o Subcomandante Marcos “passamos da ‘moda’” (PIMENTA, 2008, pg. 11) e a frustração da esquerda mexicana, seu ideal e sua luta continuam imprescindíveis para a discussão da comunicação comunitária e alternativa, da mobilização social e política e da democracia.

Considerações finais

- a) A visibilidade midiática não é o único pressuposto para a construção de uma esfera de discussão pública. A participação equânime de todos os atores sociais é condicionante do debate democrático.
- b) Os conglomerados midiáticos que, muitas vezes, pautam a esfera pública, não só possuem interesses particulares que comprometem a pluralidade discursiva, como agem de forma autoritária e vertical impondo suas versões da realidade como verdades incontestáveis.
- c) Os movimentos sociais contra-hegemônicos que respeitam a participação social, quando utilizando ferramentas de comunicação podem construir um espaço de debate público alternativo às mídias comerciais.
- d) A internet possibilita essa apropriação por sua rapidez, abrangência e descentralidade.
- e) Há, todavia, desafios para possibilitar a inclusão digital que vão desde o acesso à competência cultural, cognitiva e técnica para as publicações.
- f) As publicações na web do movimento zapatista demonstram esse mal estar cultural de publicar conteúdo na rede e não possui anteriormente uma tradição de cultura escrita.
- g) No entanto, nas produções radiofônicas que são baseadas na oralidade, os zapatistas demonstram uma habilidade que proporciona uma participação social intensa.
- h) A Rádio Insurgente publicada na web articula a competência da oralidade com a visibilidade social, gerando na internet uma esfera pública construída coletivamente.



REFERÊNCIAS

- BISCO JR, José G.; LINO, Sônia C. **Guerrilha Eletrônica: o Exército Zapatista de Libertação Nacional (EZLN) e o uso das mídias audiovisuais contemporâneas**. Niterói: Anpuh, 2006.
- CASTELLS, Manoel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
- _____. **A Galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2003.
- CANCLINI, Nestor Garcia. **Consumidores e cidadãos**. Rio de Janeiro. Ed. UFRJ, 2006.
- COSTA FILHO, Ismar Capistrano. A volta do profeta. In MESQUITA, Vianney. **O termômetro de McLuhan: bases para a reflexão interdisciplinar**. Fortaleza: Ed. UFC, 1994.
- COSTA FILHO, Ismar Capistrano. **Mediações sonoras da Rádio Favela pela Internet**. Recife: UFPE, 2008 (Dissertação de mestrado).
- DOWNING, JOHN D. H. **Mídia Radical**. São Paulo: Ed. Senac, 2001.
- GOMES, Wilson; MAIA, Rousiley. **Comunicação & democracia: Problemas e perspectivas**. São Paulo: Paulus, 2008.
- LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.
- MARTÍN-BARBERO, Jesus. **Ofício de cartógrafo: travessias latino-americanas da comunicação na cultura**. São Paulo: Loyola, 2004.
- PERUZZO, Cicília M. Krohling. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. Petrópolis: Vozes, 2004.
- PIMENTA, Francisco J. P; RIVELLO, Ana P. A. **Zapatismo e Ciberativismo: a busca de uma conexão perdida**. Intercom: Natal, 2008.
- SILVA, Júlia Lúcia de Oliveira Albano da. **Rádio oralidade mediatizada: o spot e os elementos da linguagem radiofônica**. São Paulo: Annablume, 1999.
- WOLTON, Dominique. **Internet e depois? – Uma teoria crítica das novas mídias**. Porto Alegre: Sulina, 2003.